

Quando falham as palavras.

Coloquio internacional, Centro Internacional de Fotografia.

New York, 19 de fevereiro de 1982.

Comunicação tida em mesa redonda com tema: "Projetando o futuro".

.---.---.---.

Um dos aspectos da transição penosa da sociedade industrial para a pós-industrial é que, efetivamente, as palavras começam a falhar, e que deixam de ser adequadas para as mensagens a respeito do mundo e da nossa posição no mundo. Outros códigos, e sobretudo os das técnico-imagens como o são as fotografias, passam a dominar a cena da cultura. Isto está implicando em modificação radical da maneira como nos orientamos no mundo.

Durante o período industrial, (a "Idade Moderna"), a sociedade se alfabetizou quase integralmente. A imaginação passou a ser sobretudo a capacidade para transformar os conceitos lidos ou ouvidos em imagens. Transcodificar textos em imagens. E as imagens passaram a ser ilustrações de textos. No futuro o oposto será o caso: Quando o grosso das informações nos chegará sob forma de fotografias, filmes e programas TV, será da conceituação que teremos necessidade, da conceituação enquanto capacidade de transformar imagens em conceitos. Pois tal inversão da relação entre imaginação e conceituação representa tanto um fator libertador, quanto um grave perigo. Se as imagens dominam, somos emancipados da tirania da razão discursiva. Mas é precisamente tal razão que nos preserva da queda em barbárie e fanatismo.

As palavras estão falhando por numerosas razões, algumas entre as quais enumerarei ao acaso: As mensagens verbais não mais merecem confiança, por serem excessivamente numerosas. Os livros, e as bibliotecas que constituem, não mais são armazéns de informação eficientes. As palavras não mais são adequadas para a transmissão do conhecimento científico, o qual é o único tipo de conhecimento geralmente aceito. A análise simbólica mostrou que articulações verbais não podem captar experiências concretas. E que as articulações verbais de valores, (os imperativos), são "proposições mal construídas". De modo que estamos aprendendo que as palavras são código duvidoso, ineficiente, e inepto para a transmissão de conhecimentos, de experiências e de valores. Mas não são estas as razões profundas da revolução inaugurada pela fotografia, a qual está substituindo as palavras por imagens.

Palavras e imagens são "mediações", visam lançar pontes sobre o abismo que separa o homem do mundo. Como tais, sofrem ambas de dialectica interna: em vez de mediar, tendem a constituir-se em barreiras que aprofundam o abismo a ser superado. Isto aconteceu com as imagens há 3000 anos: em vez de mediar com o que representam, passaram a constituir mundo opaco de imagens, o qual tapou o mundo a ser representado. Os homens passaram a "adorar" as imagens, e se alienavam ainda mais do mundo concreto. Foi por isto que foi inventada a escrita: para perfurar as imagens, "explicitá-las", e abrir caminho rumo ao concreto. Mas a mesma dialectica aflige as palavras, (escritas e faladas). Há 200 anos os próprios textos passaram a ser opacos e a serem "adorados". E foi por isto que foi inventada a fotografia: para perfurar os textos e desalienar os homens, abrindo caminho rumo ao concreto.

Toda mediação tem estrutura própria: as imagens são superfícies, os textos são lineares. E o mundo, mediatizado, está impregnado de tal estrutura. O mundo mediatizado por imagens é mundo bidimensional, mundo cénico, mundo da magia. O mundo mediatizado por textos verbais é mundo unidimensional, mundo processual, mundo da história. Quando os textos passaram a prevalecer sobre as imagens, o mundo ficou des-magicizado e transformou-se em contexto de cadeias de causas e efeitos. É isto a "emergência da consciência histórica e científica". Pois agora, quando as imagens técnicas começam a prevalecer sobre os textos, nova re-estruturação do mundo mediatizado está ocorrendo. Tal re-estruturação do mundo no qual vivemos é por demais radical para podermos, desde já, conscientizar seu impacto.

Mas o que podemos fazer é contemplar atentivamente fotografias, estes protótipos das novas imagens. Tal contemplação evitará que caiamos na crença de estarmos voltando para a magia pré-histórica. Por certo: as fotografias se assemelham às imagens pré-históricas em muitos dos seus aspectos. Sobretudo emanam o mesmo fascínio que faz com que as "adoremos". Mas distinguem-se das imagens pré-históricas por dois fatores decisivos: são produtos de aparelhos, e são multiplicáveis, portanto isentas de valor enquanto objetos. Sugiro que, se tivermos analisado o caráter aparelhistico das fotografias, e sua "não-objetividade", teremos dado passo em direção da compreensão da revolução da qual somos atores, vítimas e testemunhas. A análise de fotografias é tarefa obrigatória para quem quiser conscientizar o futuro imediato.